

Representações da velhice e da condição humana no conto

“Nero”, de Miguel Torga

Representations of old age and the human condition in the short story

“Nero” by Miguel Torga

Elaine Cristina Rodrigues Aguiar¹

Universidade Federal do Tocantins

Olivia Aparecida Silva²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: O presente trabalho propõe uma análise do conto “Nero”, do escritor português Miguel Torga, integrante da obra *Bichos* (1940), composta por narrativas em que animais assumem papel central para a problematização de injustiças humanas. O conto focaliza o cão Nero, cuja trajetória evidencia o envelhecimento e a perda de valor social após um acidente que o impede de continuar na caça, revelando como a existência passa a ser medida pela capacidade de produzir. A narrativa constrói, assim, um espelhamento entre a condição animal e a condição humana, especialmente no que se refere à velhice, à solidão e à exclusão. A partir das contribuições teóricas de Julio Cortázar (1974), Gérard Genette (1983) e de estudos sobre narrativas breves, este trabalho investiga de que modo Torga organiza o conto por meio de uma estrutura concentrada e incisiva, articulando forma e conteúdo para representar a passagem de Nero de caçador útil a velho cão da família. O estudo evidencia a capacidade do autor de transformar a experiência animal em um recurso crítico de reflexão sobre o envelhecimento e sobre a dignidade dos seres vivos.

Palavras-chave: Velhice; Condição humana; Humanização do animal; Conto; Miguel Torga.

Abstract: This study presents an analysis of the short story “Nero”, by the Portuguese writer Miguel Torga, included in the collection *Bichos* (1940), a work composed of narratives in which animals occupy a central role in the critical representation of human injustice. The story focuses on the dog Nero, whose trajectory foregrounds the processes of aging and the loss of social value after an accident that prevents him from continuing to hunt, thereby revealing how existence comes to be evaluated in terms of productivity. In this sense, the narrative establishes a symbolic mirroring between the animal condition and the human condition, particularly with regard to old age, loneliness, and social exclusion. Drawing on the theoretical contributions of Julio Cortázar (1974), Gérard Genette (1983), as well as on studies on short fiction, this study examines how Torga constructs the narrative through a condensed and incisive structure, articulating form and content in order to represent Nero’s transition from a useful hunting dog to an aging family dog. The study ultimately highlights the author’s ability to transform the animal experience into a critical literary device through which broader reflections on aging and on the dignity of living beings are articulated.

Keywords: Old age; Human condition; Humanization of the animal; Short story; Miguel Torga.

¹Doutoranda em Letras, na área de Estudos Literários, pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). E-mail: elaine.aguiar82@gmail.com

²Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UNB). Professora permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras/CPN da Universidade Federal do Tocantins e professora adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará. E-mail: olivia@uft.edu.br

Submetido em 14 de janeiro de 2026.

Aprovado em 25 de fevereiro de 2026.

Introdução

Miguel Torga (1907-1995), pseudônimo de Adolfo Correia da Rocha, é um dos escritores mais relevantes da literatura portuguesa. Nomeado duas vezes ao Prêmio Nobel da Literatura, foi agraciado com o Prêmio Camões, a mais importante distinção da língua portuguesa. Torga escreveu romances, teatro e ensaios, mas destacou-se sobretudo como poeta, memorialista e contista, tendo entre suas principais obras *Bichos*, *Diário*, *Novos contos da montanha*, *A criação do mundo* e *Pão Ázimo*.

A experiência política do autor, marcada pela oposição à ditadura franquista na Espanha, que o levou à prisão em 1939, e pela perseguição e censura do regime salazarista em Portugal, exerceu forte influência sobre sua obra. O testemunho dessas vivências manifesta-se em textos como *O quarto dia da criação do mundo* (1939) e, no caso do presente estudo, em *Bichos* (Torga, 1996; obra originalmente publicada em 1940), conjunto de 14 contos que problematiza injustiças humanas por meio de narrativas centradas em animais. Entre os personagens figuram o cão Nero, o gato Mago, o burro Morgado, o sapo Bambo, o galo Tenório, a cigarra Cega-Rega, o pardal Ladino, o melro Farrusco, o touro Miúra e o corvo Vicente, enquanto os contos de temática humana apresentam personagens como Madalena, Jesus, Ramiro e o Senhor Nicolau. Por meio dessas figuras, o autor explora questões éticas, sociais e existenciais, sobretudo no que se refere à vida, à morte e à dignidade humana.

A análise concentra-se no conto “Nero”, no qual o narrador acompanha os últimos momentos de vida do cão de caça, suas emoções, a perda de audição causada por um acidente, o processo de envelhecimento, a experiência da solidão e a aproximação da morte. Ao longo da narrativa, o animal passa a refletir sobre sua trajetória e sobre a relação com seus donos, questionando o sentido de sua própria existência à medida que perde a função que exercia como caçador e passa a ocupar apenas o lugar de um velho cão na família.

A análise será conduzida a partir de abordagens teóricas da narratologia e da literatura comparada, com destaque para Julio Cortázar e Gérard Genette, bem como estudos contemporâneos sobre humanização animal e ética, como os de Márcia Neves

(2016) e Althusser (1985). O objetivo é compreender como Torga estrutura seus contos de forma breve e incisiva, explorando a concentração diegética e a economia expressiva, e de que maneira o cão Nero se humaniza ao refletir sobre a velhice, a perda de serventia e sua condição existencial, estabelecendo um diálogo entre narrativa, ética e crítica social.

1. Conto torguiano

Ao tratar do conto como forma breve, parte-se necessariamente de sua característica essencial, a concentração diegética. De acordo com Gérard Genette (1983), o conto organiza um conjunto restrito de acontecimentos, circunscritos em um tempo e espaço delimitados, aquilo que o teórico denomina “o universo espaço-temporal designado pelo relato”³. Essa condensação não é apenas quantitativa, mas também qualitativa, pois implica um recorte significativo da realidade, orientado por uma intenção estética e simbólica. Em Miguel Torga, tal procedimento encontra uma expressão particularmente vigorosa, conforme observa Isabel Vaz Ponce de Leão em *O essencial sobre Miguel Torga*, quando afirma que:

O conto, pela sua concentração diegética e espaço-temporal, também pelo seu carácter incisivo e pela arte de sugestão que o envolve, foi uma das formas literárias que o autor mais desenvolveu, talvez por ser aquela que, inicialmente, melhor servia os seus desígnios (De Leão, 2007, p. 26).

Esse caráter “incisivo” apontado pela crítica é fundamental para compreender a estrutura narrativa de *Bichos*, nos quais o autor articula dimensões éticas, sociais e existenciais por meio de protagonistas animais dotados de subjetividade. Como observa Eduardo Lourenço, a concisão formal em Torga não diminui a intensidade da experiência narrada, mas a torna mais densa e duradoura: “Nada é supérfluo na escrita de Miguel Torga. Cada palavra permanece como um fragmento essencial de um mundo que se quer absoluto, mesmo quando nasce do ínfimo ou do humilde” (Lourenço, 1987, p. 54). A brevidade, portanto, não reduz o alcance da narrativa, mas a expande simbolicamente, permitindo que a vida dos animais se converta em alegoria da condição humana.

A abreviação formal, portanto, não empobrece o texto, ao contrário, condensa nele uma experiência humana que se projeta para além da especificidade zoológica do protagonista. O primeiro conto, “Nero”, exemplifica esse mecanismo. O cão que lhe dá título recebe um nome carregado de intertextualidade histórica, remetendo ao imperador

³ “*l’univers spatio-temporel désigné par le récit*”.

romano associado à tirania e à perseguição aos cristãos, o que instaura, desde o início, uma ambiguidade simbólica, pois o animal criado para caçar é, simultaneamente, vítima e instrumento da violência humana.

O conto apresenta ainda uma estrutura circular, abrindo-se e encerrando-se com a morte do protagonista. Essa construção se articula a partir do uso da analepse, recurso narrativo definido por Reis e Lopes como “todo o movimento temporal retrospectivo destinado a relatar eventos anteriores ao presente da ação” (1988, p. 230). Em *Bichos*, a analepse não funciona apenas como técnica, mas como estratégia de reflexão, tal como observa Gustavo Henrique Rückert: “A maior parte dos contos de *Bichos* é estruturada a partir do recurso da analepse. (...) o narrador parte para uma reflexão existencial, trazendo ao leitor a trajetória daquela personagem até o derradeiro momento” (Rückert, 2013, p. 51). Dessa maneira, Torga tensiona vida e morte, lembrança e finitude, sugerindo que narrar é, antes de tudo, recuperar aquilo que já se perdeu e, paradoxalmente, reinscrevê-lo no tempo.

No plano da teoria do conto, é relevante destacar que a forma curta opera, segundo Julio Cortázar (1974), a partir da noção de limite. Se o romance se expande, o conto concentra, se o primeiro se aproxima da duração, o segundo se constrói pelo instante. “O conto parte da noção de limite, e, em primeiro lugar, de limite físico” (Cortázar, 1974, p. 151). Em uma célebre analogia, o autor equipara o romance ao cinema e o conto à fotografia, sublinhando que a narrativa breve exige um recorte exato, uma moldura rigorosa, dentro da qual cada elemento textual deve ter função plena. Essa lógica aparece de modo incisivo na escrita torguiana, que transforma o animal em espelho crítico da humanidade.

A precisão formal do conto, como lembra André Fiorussi (2003), exige que cada palavra funcione como signo significativo, carregado de sentido. “(...) uma narrativa curta. Não faz rodeios: vai direto ao assunto. No conto tudo importa: cada palavra é uma pista” (2003, p. 103). Torga domina esse labor de economia expressiva, ao mesmo tempo em que humaniza o animal e revela a brutalidade do homem. Assim, *Bichos* aproxima-se, como já notaram inúmeros estudiosos, do campo da fábula, dado que os animais falam, sentem e agem como seres humanos, constituindo figuras alegóricas que encarnam virtudes, fragilidades e contradições humanas. Nesse sentido, Neves observa: “Embora designadas de contos, a verdade é que estas narrativas são, em muito, devedoras do gênero fabulístico (...)” (Neves, 2016, p. 34).

Ponce de Leão, por sua vez, amplia esse entendimento ao afirmar que os contos compõem um “continuum” simbólico entre homem e animal, dissolvendo fronteiras identitárias e ontológicas: “Do poeta, do homem-bicho e do bicho-homem darão conta estes *Bichos* em feição alegórica, constituindo um continuum impossível de ser dissociado” (De Leão, 2007, p. 34).

Assim, a animalização do humano e a humanização do animal operam não como mero artifício estilístico, mas como gesto ético e existencial. Ao narrar um cão, um boi, um burro ou uma raposa, Torga fala, inevitavelmente, da condição humana, do sofrimento e da resistência, da solidão e do desejo de liberdade, da violência e da morte, temas que atravessam toda a sua obra e que transformam seus contos em um espaço de intensa reflexão sobre o viver.

Essa reflexão ética, no entanto, não se limita à esfera individual, mas projeta-se para uma dimensão coletiva. Ao evidenciar a forma como o homem se relaciona com os animais e, por extensão, com a natureza e o outro, Torga propõe uma análise crítica da sociedade e de suas estruturas de poder, exploração e violência. Cada conto funciona, portanto, como microcosmo, permitindo ao leitor compreender processos éticos universais a partir de experiências particulares.

Além disso, a escrita torguiana enfatiza a interdependência entre linguagem e percepção do mundo. A escolha cuidadosa de termos, a economia verbal e a força simbólica de cada gesto animal são estratégias que não apenas estruturam o texto, mas também moldam a experiência estética do leitor. Essa articulação entre forma e sentido evidencia a habilidade de Torga em transformar o breve em profundo, o limitado em abrangente, o específico em universal.

Finalmente, a dimensão existencial dos contos evidencia que Torga não busca apenas narrar histórias de animais, mas refletir sobre o lugar do ser humano no mundo. O leitor é convidado a reconhecer, na figura do animal, suas próprias contradições, medos e desejos, estabelecendo uma relação de empatia e autoconhecimento.

Dessa forma, *Bichos* torna-se um espaço de reflexão ética, estética e filosófica, em que a literatura funciona como ponte entre vida e representação, realidade e alegoria. Ao reunir concisão narrativa, intensidade simbólica e reflexão ética, Torga demonstra que a brevidade do conto não limita, mas potencializa sua capacidade de transmitir experiências complexas e universais. Cada animal se torna espelho de dilemas humanos, e cada gesto narrativo é carregado de significado, permitindo que o leitor percorra, em poucas páginas, trajetórias existenciais densas e multifacetadas. Assim, *Bichos* confirma

a capacidade do conto de condensar realidade, pensamento e sentimento, reafirmando a literatura como instrumento de compreensão profunda do humano e do mundo.

2. Um olhar sobre a velhice em “Nero”

O conto “Nero”, integrante da obra *Bichos* (Torga, 1996; obra originalmente publicada em 1940), inicia-se em um tom de solidão e melancolia, revelando o estado de um cão que se percebe sem perspectivas, cujo destino parece inexoravelmente ligado à morte. Desde os primeiros momentos, Torga evidencia a preocupação de Nero com a própria finitude e com o direito a um enterro digno, ilustrando, desde o início, a reflexão ética e existencial que permeia o conto. O narrador descreve que Nero se sentia tão fraco que “agora nem a cabeça sustinha a pé. Por isso encostou-a ao chão, devagar. E assim ficou, estendido e bambo, à espera” (Torga, 1996, p. 13). A solidão, segundo Pinheiro (1984, p. 32), corresponde a um sentimento de separação e incompletude, muitas vezes desintegrativo e sem objetivo, que se manifesta claramente na percepção do cão sobre o abandono e a ingratidão de seus donos.

Ao longo do conto, Nero evidencia a dimensão ética e afetiva de sua experiência, refletindo sobre os bichos que já morreram sem reconhecimento. Ele lembra o gato, o porco, os frangos e galinhas que se foram sem comoção, mas reconhece que, desta vez, a situação é diferente: “finava-se um cão, um cão de caça, um navarro legítimo! Ingratidões...” (Torga, 1996, p. 23). Ao recordar a burra que morreu esquecida na mata da Pedreira, Nero reconhece a desigualdade entre as criaturas e percebe a importância de um gesto de respeito, mesmo que simples: “A burra nem sequer essa sorte tivera. Os seus ossos reluziam ainda na mata da Pedreira. Chuva, geada, sincelo em cima” (Torga, 1996, p. 13). O cão passa, então, a se contentar com a possibilidade de uma cova simples no quintal da família, demonstrando resignação, mas também consciência ética, aproximando-se da experiência humana, na qual indivíduos reconhecem que sua situação poderia ser pior.

A narrativa prossegue abordando a velhice e a perda de serventia de Nero. Após um acidente causado pelo dono, o cão perde a audição, e sua utilidade como caçador é comprometida: “E estava então com o focinho em cima do excomungado, quando o parvo do caçarreta lhe manda um tiro à cabeça! Ficou ali como morto, e ainda por maior desgraça a ouvir a risada escarninha do albarrão, ao dobrar o cerro, são e salvo!” (Torga, 1996, p. 20). A surdez funciona como símbolo de reificação, mostrando que a sociedade tende a avaliar e descartar indivíduos (ou animais) com base na produtividade. Nesse

sentido, a leitura de Althusser (1985) sobre os aparelhos ideológicos do Estado permite compreender a crítica implícita à marginalização de seres que deixam de servir a um propósito social, revelando a dimensão ética da narrativa de Torga.

A reflexão sobre a condição de Nero estende-se à percepção da própria mortalidade e à comparação com a condição humana. Ao observar que mesmo uma simples cova representaria um gesto de respeito, o cão questiona padrões de dignidade e valorização que, na sociedade humana, são frequentemente reservados apenas aos indivíduos úteis ou produtivos. Essa consciência emerge de forma ainda mais intensa quando o velho cão observa a chegada de outro animal, percebendo que sua velhice é marcada pelo desejo alheio de substituição: “Assim, acabava de velhice, podre por dentro (...). Agora, lia nos olhos de todos o desejo de que partisse o mais depressa possível para dar lugar a outro...” (Torga, 1996, p. 22). A narrativa evidencia como o envelhecimento e a desvalorização social afetam tanto animais quanto humanos, especialmente aqueles considerados improdutivos ou incapazes de manter uma função social.

O conto ainda aborda a dimensão afetiva e simbólica do reconhecimento. Nero percebe o cuidado humano por meio de gestos delicados, como o da nova patroa que se aproxima e o observa em silêncio, emocionando-se com sua situação:

Aí vinha a patroa nova observar o andamento daquilo... Fechou os olhos. Sempre gostava de ouvir o que o diria quando o visse como morto... Ela chegou-se e ficou silenciosa. Por uma fresta das pestanas espreitou-lhe a cara. Chorava. Desceu novamente as pálpebras, feliz (Torga, 1996, p. 24).

Esse gesto demonstra que a dignidade e a felicidade de Nero não dependem apenas da utilidade ou da produtividade, mas do afeto, do reconhecimento e do cuidado, elementos que atravessam a experiência humana.

Torga articula, ao longo de todo o conto, uma reflexão ética e social sobre a condição dos seres humanos e animais, mostrando que a velhice, a perda de serventia e a proximidade da morte suscitam questões sobre dignidade, valor e reconhecimento. Como observa Neves:

(...) à semelhança do que acontecia na fábula tradicional, Miguel Torga serve-se da figura animal como consubstanciação demonstrativa de determinados comportamentos e ações humanas, no intuito de levar o homem, enquanto indivíduo social, a refletir sobre si próprio e sobre a posição que cada um deve ocupar na sociedade em que vive (2016, p. 35).

Da mesma forma, os contos de Torga revelam que, na Arca do autor, não existem apenas homens ou animais, mas “bichos-homens e homens-bichos, ambos representativos da dimensão animal da existência humana” (Neves, 2016, p. 38), ressaltando a inter-relação entre ética, existência e condição social.

Ao final, a narrativa devolve a Nero uma forma de felicidade e reconhecimento. Apesar da velhice, da surdez e do abandono, o cão encontra conforto no gesto humano e na atenção de sua dona, que chora por ele e compartilha um momento de empatia: a felicidade do animal surge não da utilidade, mas do cuidado recebido. O conto, assim, evidencia a dimensão existencial e ética da obra, mostrando que velhice, morte e abandono podem ser enfrentados com dignidade quando há afeto e reconhecimento.

Essa perspectiva ética e afetiva também revela o caráter universal da narrativa de Torga. Ao colocar o leitor na posição de observador da experiência de Nero, o conto permite compreender que velhice, sofrimento e abandono não são questões restritas a animais, mas refletem dilemas humanos atemporais. A empatia pelo cão conduz a uma reflexão sobre o modo como a sociedade trata os indivíduos mais vulneráveis, destacando a importância da solidariedade e do cuidado como valores centrais da convivência.

A narrativa evidencia ainda a relação entre memória e identidade. Ao recordar outros animais e acontecimentos do passado, Nero estabelece um continuum existencial que o liga a todos aqueles que sofreram antes dele. Essa consciência temporal não apenas reforça a dimensão ética da história, mas também humaniza o animal, mostrando que a memória, a lembrança e o reconhecimento constituem elementos essenciais para a construção da dignidade, tanto animal quanto humana.

A reflexão sobre a velhice em “Nero” dialoga também com a crítica social implícita de Torga. A perda de serventia do cão e a forma como ele é percebido pelos outros reforçam o argumento de que a sociedade frequentemente mede o valor dos indivíduos pela sua utilidade, reproduzindo práticas de exclusão e marginalização. Ao colocar o leitor diante dessa realidade, o conto propõe uma análise crítica sobre a justiça social e a ética do cuidado, desafiando concepções utilitaristas e hierarquias de valor baseadas na produtividade.

Ao final, a narrativa de Torga reforça a ideia de que a dignidade, o reconhecimento e o afeto constituem a base de uma existência plena, independentemente da idade, capacidade ou função social. O gesto silencioso da nova patroa simboliza que a atenção e a empatia podem reparar sofrimentos e dar sentido à vida, mesmo quando a morte se aproxima. Assim, “Nero” confirma a capacidade do conto de explorar de forma intensa e

concisa questões éticas e existenciais universais, transformando a experiência de um animal em reflexão profunda sobre a condição humana.

Considerações finais

A análise do conto “Nero”, pertencente à obra *Bichos* (1940), evidencia como Miguel Torga utiliza a figura do animal para problematizar questões éticas, existenciais e sociais universais. A caracterização humanizada de Nero aproxima o leitor de experiências profundamente humanas, como a solidão, a angústia, o envelhecimento e a proximidade da morte. Ao acompanhar a trajetória do cão, desde sua vitalidade até a perda da audição e o processo de envelhecimento, evidencia-se que o autor constrói uma narrativa que estabelece uma aproximação simbólica entre a experiência animal e a condição humana, criando um espaço de reflexão sobre a finitude e sobre o modo como a sociedade valoriza ou marginaliza aqueles que envelhecem ou deixam de ser considerados úteis.

O conto demonstra, ainda, que a velhice e a perda de serventia não precisam ser compreendidas exclusivamente sob uma perspectiva negativa. Embora o sofrimento de Nero seja significativo, a narrativa evidencia que gestos de cuidado, afeto e reconhecimento podem conferir dignidade e sentido à vida mesmo nos momentos finais. A relação do cão com sua nova dona, que observa e se emociona diante de sua fragilidade, revela que a empatia pode transformar a experiência da morte e da solidão em um processo marcado pela presença e pelo reconhecimento afetivo. Desse modo, Torga propõe uma reflexão ética sobre o valor da vida, a atenção ao outro e a importância da dignidade, independentemente da função social ou da utilidade de cada indivíduo.

Além disso, a análise da estrutura narrativa do conto, fundamentada nas teorias de Julio Cortázar (1974), Gérard Genette (1983) e em estudos sobre narrativas breves e concentração diegética, permite compreender a economia expressiva de Torga e sua capacidade de transmitir experiências complexas em poucas páginas. A articulação entre forma e conteúdo evidencia que a brevidade do conto não compromete a profundidade da reflexão, mas, ao contrário, concentra e intensifica seus aspectos existenciais e simbólicos, transformando os animais em metáforas da condição humana. A utilização de recursos como a analepse, a precisão vocabular e a construção de uma circularidade narrativa reforça a densidade simbólica da obra e amplia a compreensão do leitor sobre vida, morte e memória.

Outro aspecto relevante é a dimensão alegórica do conto, na qual os animais representam mais do que si mesmos, tornando-se veículos para explorar dilemas humanos universais. A trajetória de Nero permite problematizar práticas sociais que desvalorizam indivíduos considerados “inúteis” ou improdutivos, ao mesmo tempo em que a narrativa ressalta o poder do afeto, do cuidado e do reconhecimento como elementos que conferem sentido à existência. Essa dimensão ética e simbólica amplia o alcance do conto, transformando-o em um instrumento de reflexão crítica sobre as relações humanas e sobre a responsabilidade social.

Por fim, este estudo demonstra que *Bichos*, e especialmente o conto “Nero”, oferece contribuições significativas para a compreensão da literatura torguiana como espaço de humanismo, reflexão social e investigação existencial. Ao explorar as emoções e experiências do cão protagonista, o autor propõe uma reflexão crítica sobre as atitudes sociais diante da velhice, da morte e da vulnerabilidade, ressaltando a relevância de valores como empatia, reconhecimento e dignidade. Dessa forma, o conto reafirma a literatura como um instrumento de crítica social e de compreensão da condição humana, ampliando a percepção do leitor sobre o convívio entre seres humanos e animais, sobre a vulnerabilidade e sobre o sentido profundo da existência.

Referências

- ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985. (Original publicado em 1970).
- CORTÁZAR, Julio. Alguns aspectos do conto. In: _____. **Valise de cronópio**. Tradução de Davi Arriguicci Jr. São Paulo: Perspectiva, 1974. p. 147-163.
- DE LEÃO, Isabel Vaz Ponce de. **O essencial sobre Miguel Torga**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2007.
- FIORUSSI, André. Seção quero mais (apêndice de leitura). In: Antônio de Alcântara Machado et al. **De conto em conto**. São Paulo; Ática, 2003. p. 103.
- GENETTE, Gérard. **Nouveau Discours du Récit**. Paris: Ed. du Seuil, Collection ‘Poétique’, 1983.
- LOURENÇO, Eduardo. **Miguel Torga: o reino da palavra**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
- NEVES, Márcia. **Zooficções**. Lisboa: IELT-FCSH/Nova, 2016.
- PINHEIRO, Ângela Alencar Araripe. **Solidão: dimensões psicológicas e sociais**. Rio de Janeiro: Vozes, 1984.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de narratologia**. Coimbra: Almedina, 1988.

RÜCKERT, Gustavo Henrique. **A escritura animal**: literatura e animalidade em Miguel Torga. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

TORGA, Miguel. **Bichos**. Coimbra: Coimbra Editora, 1940.

TORGA, Miguel. **Bichos**. 1ª ed. 1940. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.